

X

Em 1916 uma série de desinteligências veio provocar várias convulsões, originando uma verdadeira revolução dentro do Instituto.

Tudo começou com o escriturário Alcebiades Arantes e o dr. Alexandrino de Moraes Pedroso.

Foi no dia 7 de fevereiro. O dr. Alexandrino, em carta dirigida ao dr. Carlos Meyer, conta que teve uma série rusga com o escriturário Arantes, por questões de serviço. Este funcionário havia recebido uma ordem que lhe foi transmitida por intermédio do preparador Getulino Vieira Pinto e esta ordem dada pelo dr. Alexandrino não foi cumprida.

O escriturário já era conhecido como homem malcriado e grosseiro, mas acobertado sempre pela desculpa de ser doente. Esta evasiva era sempre pronunciada pelo dr. Meyer que, também, pedia condescendência e paciência com o dito funcionário.

No dia da discussão o dr. Alexandrino, perdendo o contróle de si, frente às atitudes de seu subalterno, disse-lhe alguns desaforos.

O próprio dr. Alexandrino conta, em sua carta :

“Este voltando-se para mim com o indicador alvoroçado e em alta voz disse-me: olha, eu quero que o sr. fique sabendo de uma vez por tódas, que eu a-b-so-lu-ta-men-te não recebo ordens suas aqui dentro, só obedeco ao dr. Meyer. Chamei-o de malcriado e como fôsse grosseiramente tratado, perdi a calma e não posso com precisão, relatar o que se seguiu”.

O dr. Alexandrino, depois dêste 7 de fevereiro não mais compareceu ao serviço, até o dia 10 do mês de março, portanto, por mais de 30 dias, estando, nessas condições, incurso nas penalidades do art. 28, letra “b”, do regulamento da Secretaria do Interior, correspondente ao art. 23 do regulamento do Instituto.

No dia 16 de fevereiro, como o dr. Alexandrino se negava a trabalhar enquanto Alcebiades Arantes estivesse no Instituto, o dr. Carlos Meyer não viu outra alternativa senão relatar o ocorrido ao diretor do Serviço Sanitário, dr. Guilherme Álvaro da Silva. Escreve àquele diretor, naquela data, transmitindo a queixa do dr. Alexandrino Pedroso e ao mesmo tempo solicitando a nomeação de alguém estranho à Repartição, para processar o inquérito que seria instaurado para apurar a verdade.

O inquérito foi aberto e dêle resultou a suspensão do escriturário por 30 dias, devendo o diretor do Instituto marcar o início da pena. No dia 11 de março Alcebiades Arantes deixou de trabalhar.

O secretário do Interior, Elói Chaves, oficiou ao dr. Guilherme Álvaro, esta suspensão, em 4 de março e recomendando que mandasse o diretor do Instituto Bacteriológico manter a ordem e o respeito dentro do estabelecimento, e, ainda, advertisse o dr. Alexandrino Pedroso, por ter se excedido neste caso.

Poucos dias depois o próprio secretário do Interior acusou o dr. Carlos Meyer de irregularidades dentro do Instituto, nomeando o dr. José Bento de Paula Sousa para apurá-las.

Este novo inquérito não chegou a seu termo. As acusações partiram do dr. Manuel Pais de Azevedo que, em fins de 1914, havia tido séria briga com o dr. Meyer, por questões de ordem interna, pelo que pediu demissão em 25 de fevereiro de 1915.

Pelo fato do dr. Pais de Azevedo ter agredido fisicamente o dr. Meyer, e o resultado final do inquérito, como não poderia deixar de ser, redundar em prejuízo do acusador, éste retirou a acusação, sendo posta uma pedra em cima do caso.

Em 13 de março, para as coisas serem acomodadas, o dr. Carlos Meyer afastou-se da direção do Instituto Bacteriológico em gôzo de licença, e, no fim desta, em 31 do mesmo mês, entrou em gôzo de férias regulamentares (tudo isto seja, talvez, uma capa para acobertar resoluções mais sérias, evitando assim, um escândalo certo).

Alcebiades Arantes, depois de cumprida a pena, não mais voltou ao Instituto, sendo transferido para a Secretaria do Interior e para sua vaga foi indicado Bernardino de Campos Araújo, no dia 20 de julho, tendo em 26 pedido permuta com Benedito Leite Penteado, permuta esta concedida a partir de 12 de agosto. Durante a penalidade de Alcebiades Arantes, substituiu-o, a partir de 13 de março, Alfredo Cordeiro Boto, funcionário da Diretoria geral do Serviço Sanitário.

O dr. Carlos Meyer também não regressou ao Instituto (depois de terminadas as suas férias), sendo transferido a pedido para, o Serviço de Estatística Demógrafo-Sanitária e substituído na diretoria por Teodoro da Silva Baima, no dia de seu afastamento (13 de março), em caráter interino, e em 27 de dezembro foi nomeado diretor efetivo por ato do Govêrno do Estado. Neste mesmo dia foi efetivado o assistente Alexandrino de Moraes Pedroso, até agora comissionado.

Sem dúvida alguma a saída do dr. Carlos Luís Meyer prende-se a fator importante. O próprio dr. Guilherme Álvaro, em carta que escreveu ao dr. Teodoro Baima, confessa que há alguma coisa de esquisito nisto tudo.

O dr. Teodoro Baima, quando foi investido das funções de diretor do Instituto Bacteriológico, com gesto amigo (ligado obviamente ao caso do dr. Meyer), recusou o pôsto, o que disse verbalmente ao dr. Guilherme Álvaro, que por sua vez, respondendo a esta negativa do dr. Baima, a êle escreveu em 7 de maio :

“Recebi sua carta e confesso que não acho motivo algum que justifique o que me refere sôbre o abandono da direção do Instituto Bacteriológico e por isso não posso aceitar aquela sua resolução. Foi a meu pedido que tomou a direção do Instituto e a minha orientação não mudou ; acho que lá está muito bem ; para que deixá-la ? Deve continuar onde está e bem, porque foi contando com a auxílio dos amigos que eu me animei a ficar na diretoria do Serviço Sanitário e eu não posso ficar só.

Amanhã saberei do dr. Rebelo, ao certo, o que houve sobre a transferência do dr. Meyer e lho comunicarei. Por certo o que houve foi algum desencontro de datas ou falta de officios oportunos e mais nada.

Disponha do amigo obrigado e colega.”

O dr. Baima respondeu no dia seguinte, desta forma :

“Anteontem (dia 6) tive ocasião de, verbalmente, comunicar-lhe a resolução em que me achava de não continuar na direção interina do Instituto Bacteriológico, da qual, não sei se em boa ou má hora para mim e para o Instituto, fui investido por uma requintada distinção do am.”

Dois meses de exercício, no desempenho bom ou mau, das funções inerentes àquele cargo me tem sobejamente revelado que o sacrifício que o mesmo me impõe está muito além de minhas forças e que assim não poderei conservar-me por mais tempo em uma situação que só me deixei investir, não sem alguma relutância, exclusivamente pela dedicação que devo ao distinto colega e pelo sincero desejo de não recusar o meu modesto concurso à administração acertada e brilhante que o am.º está desempenhando.

Circunstâncias que o colega absolutamente não participa, que por muitos podem ser consideradas nugas, mas que afetam muito de perto à sensibilidade e à minha organização já um tanto exausta, trouxeram-me a convicção inabalável da impossibilidade de minha permanência na investidura que aprovou ao amigo confiar-me.

Assim, pois, pedindo permissão para não entrar em retaliações, descabidas talvez, reitero as solicitações verbais que vos dirigi perante os colegas Godinho e Arantes.

Como simples assistente do Instituto Bacteriológico, julgo desempenhar-me melhormente dos meus deveres e aí continuarei pronto, da melhor vontade a prestar o meu trabalho em tudo quanto me for determinado pelo prezado colega e am.º

Acredite na sincera amizade do seu am.º etc.”

O dr. Baima, além desta, pediu demissão algumas dezenas de vezes, entretanto sem ser nunca concedida.

— 1 —

A VACINA CONTRA A COQUELUCHE E O SERVIÇO ANTI-RÁBICO

Nesse ano de 1916 entrou novo servente, João Adelino de Aguiar que começou a trabalhar no dia 22 de março, pois que na véspera o servente Antônio José de Almeida havia sido demitido de seu cargo, por incorrer em falta gravíssima, segundo o diretor do Instituto. Alguns dias antes de ser demitido já se achava suspenso. Desconhecemos qual seja esta falta.

Criado pelo dr. Guilherme Álvaro, o Serviço Anti-rábico foi anexo ao Instituto Bacteriológico, com o nome de “Pasteur”, para o que foram construídas dependências convenientes, iniciadas no ano anterior (110).

Teve comêço a preparação de vacinas contra a coqueluche, segundo os métodos empregados pelo dr. Kraus, diretor do Instituto Bacteriológico de Viena, logo que aquêle bacteriologista a preparou como o próprio esputo de doentes (111).

Os resultados da vacina contra a coqueluche foram bons, sendo aplicada, com vantagens, na maior parte das vezes.

O dr. Adolfo Carlos Lindenberg deixou o Instituto, para assumir a cátedra de Dermatologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, em 14 de

(110) — Em 25 de abril de 1916 o dr. Alcides da Nova Gomes iniciou seus trabalhos no Instituto, por 3 meses, na seção “Pasteur”.

(111) — A coqueluche matou em São Paulo, de 1887 a 1917, 13.300 crianças

fevereiro desse ano. (112) Sua vaga foi não lotada em virtude de supressão de um dos lugares de assistente, medida esta de economia. Não obstante, continuou êle, durante o ano de 1916, a frequentar o Instituto, se bem que não como funcionário, mas apenas apara continuar seus trabalhos iniciados antes, sôbre a lepra, que vinha fazendo com o dr. Bruno Rangel Pestana. O mesmo aconteceu com o dr. Otávio de Carvalho, que frequentou, cotidianamente, o Instituto, trabalhando no campo da febre tifóide. Ambos com permissão do Govêrno.

— 2 —

O DR. ARTUR MOTA (113)

Em 1917, sòmente o ingresso de mais um assistente (apesar da compressão de despesas), o dr. Antônio Pinheiro de Ulhoa Cintra, modificou o quadro funcional. O dr. Ulhoa Cintra foi nomeado, em comissão, em 1 de outubro, sendo efetivado no último dia do ano, isto é, em 31 de dezembro.

Em 6 de julho o dr. Baima entrou em gôzo de férias regulamentares, sendo substituído na direção do Instituto por Alexandrino Pedroso.

Em 14 de fevereiro ingressou Antônio Vergueiro de Guimarães como escriturário interino, em substituição a Benedito Leite Penteado, no momento em licença e reassumindo sòmente em 5 de dezembro (113a).

A febre tifóide continua a ser o assunto do momento. A vacina preparada pelo Instituto tem tido aceitação ampla pelo povo e foi obrigatória entre as fileiras das forças armadas, sendo ela indispensável para o assentamento de praça.

Desde o início do preparo da vacina antitífica (em setembro de 1913), até fins de 1917, foram preparados 146 mil cm³ e distribuídos cêrea de 56.800 cm³.

Os desentendimentos sôbre a transmissão da febre tifóide também têm seu lugar, advindo daí divergências de caráter grave. O diretor da Repartição de Águas, o dr. Artur Mota, era completamente contrário à transmissão da febre tifóide pela água, sôbre o que escreveu longa dissertação

(112) — São Paulo, 15 de fevereiro de 1916.

Cidadão

Tendo tomado posse ontem do cargo de lente catedrático da Faculdade de Medicina, para o qual fui nomeado por decreto de 10 do corrente, rogo-vos encaminhar ao sr. dr. secretário do Interior, o incluso officio, em que solicito a minha exoneração do cargo de assistente dêste Instituto.

Despedindo-me destarte do Serviço Sanitário, cumpro um gratíssimo dever em agradecer-vos penhorado as atenções com que sempre me distinguistes, permitindo que o simples colega e amigo de amanhã continui a estimar-vos e admirar-vos como o auxiliar de ontem.

Cordiais saudações

(a) Adolfo Lindenberg

Exmo. sr. dr. Guilherme Álvaro

M. D. diretor do Serviço Sanitário.

(113) — Artur Mota nasceu no Rio de Janeiro em 20 de fevereiro de 1879 e morreu em São Paulo no dia 14 de setembro de 1936. Era engenheiro e escritor. Viveu parte de sua infância no Espírito Santo onde aprendeu as primeiras letras. Formou-se pela Escola Politécnica do Distrito Federal e esteve comissionado na Europa durante os anos de 1926 e 1927. Foi professor catedrático da Escola de Engenharia Mackenzie; engenheiro-chefe das obras do cais da ilha das Cobras; diretor de Obras Públicas em São Paulo e diretor da Repartição de Águas e membro da Academia Paulista de Letras. Escreveu várias obras além de diversas colaborações em jornais.

(113a) — O escriturário Benedito Leite Penteado em 14 de fevereiro entrou em licença de 3 meses para tratamento de saúde, sendo que em 14 de maio, esgotado aquele tempo, pediu mais dois meses para tratar de assuntos particulares. Em 14 de julho terminaria esta prorrogação, entretanto em 24 deste mês êle ainda não havia reassumido. Posteriormente pediu êle mais 4 meses e depois mais 2, sempre para tratar de negócios particulares, reassumindo sòmente em 5 de dezembro.

afirmando que as águas de São Paulo não deviam inspirar temor, principalmente as do rio Tietê. Isto veio, como era natural, desautorar a direção do Instituto Bacteriológico que se firmava em ponto de vista todo oposto.

O dr. Teodoro Baima havia sido, junto com o dr. Mauro Álvaro (114), nomeado membro da comissão de estudos dos meios convenientes à melhoria das águas da Capital. Deste pôsto demitiu-se em virtude das atitudes arbitrárias do diretor da Repartição de Águas, que não obedecendo os contratos pré-estabelecidos, ou melhor, que as águas destinadas ao abastecimento da Capital, provenientes do manancial de Cotia (cujos reservatórios estavam sendo construídos), fôsem examinadas "a priori" pelo Instituto Bacteriológico. O dr. Artur Mota a isto não obedeceu, e, não dando importância ao fato, distribuiu aquela água à população, sem a vistoria bacteriológica antes combinada.

Os dois citados membros da comissão renunciaram em 15 de setembro de 1917, de maneira irrevogável.

Dizia o dr. Baima que não tinha nervos para aturar o diretor da Repartição de Águas e que, também, não mais permaneceria na comissão de estudos, porque não queria ser responsável pelo que desse e viesse, ou em outras palavras, não se responsabilizaria por uma epidemia que de uma hora para outra, poderia rebentar, pois que estudos feitos no Instituto Bacteriológico haviam mostrado o perigo iminente.

De fato, o dr. Bruno Rangel Pestana, em estudo sôbre a febre tifóide em São Paulo, resume suas conclusões nos seguintes 10 itens :

I — Não têm os mananciais que abastecem a cidade de São Paulo, a proteção exigida pela hygiene moderna, porquanto, na maioria das vêzes, são desprovidos de vales de proteção e nem se fêz, em muitos dêles, a expropriação completa das respectivas bacias, pois há diversos moradores à montante.

II — As águas provenientes dos mananciais têm todos os caracteres de águas superficiais, como demonstram as análises.

III — Na água que abastece certas zonas, encontrou o Instituto Bacteriológico, o bacilo tífico.

IV — Nossas observações levam a concluir que a água é, na cidade de São Paulo, o principal transmissor da febre tifóide.

V — O fornecimento de água, nas condições ditadas pela hygiene moderna, é a medida preliminar a ser adotada na Capital paulista, a fim de resguardá-la das devastações da febre tifóide.

VI — A essa medida poderão seguir-se outras de caráter profilático, com o mesmo intuito.

VII — O leite, legumes crus, frutos e mais alimentos desempenham, na cidade de São Paulo, um papel secundário na propagação da febre tifóide.

VIII — As móscaes podem transmitir o bacilo da febre tifóide; em São Paulo, porém, elas não têm o grande valor que alguns lhes querem dar.

IX — O contato direto entre a rêde do abastecimento de águas e dos esgotos, com o fim de proceder a lavagem dos esgotos com água colhida na rêde de distribuição, oferece sérios perigos à saúde pública. Maior perigo ainda existe quando trabalham os coletores em carga, ou nos períodos de estiagem, quando são feitas as manobras, em virtude das quais, pela sucção de água do esgôto, esta pode vir aos encanamentos da rêde de água do abastecimento.

X — Na rêde de abastecimento de águas da cidade de São Paulo, verificam-se contatos com a rêde de esgotos, o que se torna uma ameaça à saúde pública.

(114) — Mauro Álvaro de Sousa Camargo, engenheiro chefe da Engenharia Sanitária do Serviço Sanitário.

— 3 —

A FEBRE TIFÓIDE EM CURITIBA

Em fins de 1917, principalmente em outubro, surgiu, em Curitiba, uma grande epidemia de febre tifóide que assolou aquela Capital. Para lá foram destacados higienistas paulistas para, em comissão, estudar a moléstia e iniciar os passos profiláticos que seriam continuados pelos paranaenses. A comissão ficou composta dos drs. Teodoro da Silva Baima, Cincinato Augusto Pomponet, Bruno Rangel Pestana, o acadêmico Sebastião Camargo Calazans e o preparador Getulino Vieira Pinto, ficando o primeiro como chefe da comissão.

Os trabalhos foram coroados de êxito. Esta assertiva baseia-se na estatística: em outubro morreram, vítimas da febre tifóide, 64 pessoas, em novembro, 22 e, em dezembro, apenas 4. É conveniente notar-se que, em julho, agosto e setembro precedentes, haviam morrido, respectivamente: 0, 1 e 11 pessoas.

Lá foram identificados logo os bacilos típicos, nas águas da cidade. A vacinação foi, imeditamente, iniciada e em larga escala, o que depressa jugou a febre tifóide na Capital paranaense. Foram vacinadas, pelo menos, 27 mil pessoas em uma população de 45.000 almas.

A campanha da comissão paulista foi perfeita e rápida (115), pelo que mereceu do dr. Artur Neiva, diretor-geral do Serviço Sanitário de São Paulo, êste officio:

“Em 14 de novembro de 1917.

Sr. dr. Teodoro Baima.

M. D. diretor do Instituto Bacteriológico.

Tenho o gratíssimo prazer de levar ao vosso conhecimento a recomendação que me faz o exmo. sr. Secretário do Interior, para elogiar-vos em nome do exmo sr. dr. presidente

(115) — Em 26 de fevereiro de 1918.

Sr. dr. diretor-geral do Serviço Sanitário.

Cumpra-me vos transmitir hoje, para os devidos fins, a prestação de contas de despesas feitas por mim em Curitiba, como chefe da comissão para ali enviada, dentro da quantia de 2:000\$000 que adiantadamente me foram entregues pelo Tesouro do Estado, no dia 13 de outubro do ano passado.

Tratando-se de uma comissão com fins especiais e cuja natureza e urgência de pagamento de despesas não permitiam sempre obter recibos dos que a ela forneciam material ou prestavam serviços e auxílios de momento reclamados, não me é possível juntar êsses documentos justificativos de tais despesas, como devera. Para êsse fato peço chameis atenção da Repartição fiscal. Pela relação que em três vias junto, verifica-se que foi despendida a quantia de 1:411\$400, pelo que tenho que recolher ao Tesouro do Estado — 588\$600, para o que solicito-vos a competente guia.

Atenciosas saudações

O diretor

a) Dr. Teodoro Baima.”

A tal relação que cita a carta, ter sido enviada em três vias, é esta que se segue:

“South Brazilian Railways C. Ltd.....	44\$600
Officinas de artes gráficas	40\$000
Carpintaria e marcenaria Moderna	45\$000
Carpintaria e marcenaria Moderna	15\$000
Funilaria (caixa de zinco para acondicionar vidros com água)	50\$000
Serviços de operários por trabalhos no laboratório que instalamos.....	250\$000
Despesas com instalação de correntes elétricas, fios, isoladores, etc.	69\$000
Condução e transporte do material e do pessoal médico e desinfetadores	355\$000
Telegramas por motivo de serviço (como pedido de vacinas, etc.)	65\$000
Despesas feitas pelo dr. Cincinato Pomponet em serviço de desinfecção	47\$600
Despesas miúdas várias feitas pelo auxiliar Getulino V. Pinto	90\$900
Despesas com a manutenção e guarda dos animais de experiência.....	339\$300

1:411\$400

588\$600

Saldo a recolher

2:000\$000

do Estado e no seu, pelo "brilhante desempenho" que soubestes dar à comissão que vos foi cometida no Estado do Paraná. É-me sobremaneira agradável fazê-lo, como o faço pelo presente, associando-me entusiasticamente a essa demonstração.

O êxito obtido pela comissão que acabastes de dirigir em Curitiba, veio aumentar a longa série de assinalados serviços já prestados à causa da saúde pública e à ciência, pelo Instituto Bacteriológico, atualmente sob vossa competente e dedicada direção, a qual não pede meças a ninguém para sustentar em tôda a sua integridade, as gloriosas tradições de um centro científico dos mais conspícuos da nossa terra.

As recomendações dos exmos. srs. presidente do Estado e secretário do Interior, são extensivas aos srs. drs. Cincinato Augusto Pomponet, Bruno Rangel Pestana, acadêmico Sebastião Calazans e sr. Getulino Pinto, vossos colaboradores na referida comissão, onde deram excelentes provas de disciplina, zelo e dedicação ao serviço.

Atenciosas saudações

O diretor-geral

a) Artur Neiva

— 4 —

OS JAPONÊSES

Foi ainda, estudado o bócio e aplicado, experimentalmente, o tratamento preconizado por Evans, Middleton e Allen Smith, isto é, o uso do cloridrato de emetina, pois que êstes médicos norte-americanos acreditavam que as amígdalas produzem toxinas que agiam sôbre a tiróide, ou ainda a simbiose de *Endamoeba gingivalis* com determinadas bactérias, a exemplo do *Micrococcus catarrhalis*. Aquêles médicos encontraram em amígdalas (exame microscópico) êsses microrganismos.

Foi também aplicada a adrenalina, visto ser eficaz no tratamento de amebíases intestinais. Foi nulo o resultado.

Iniciou-se neste ano o exame microscópico das fezes dos emigrantes japoneses entrados em São Paulo. Como se sabe, em 1908, foi feita a primeira introdução dêsses emigrantes, num total de 780 pessoas e em 1917, já havia 19.487 amarelos em nosso estado, dos quais a grande maioria iniciou seus afazeres nas lavouras.

Muitos vinham já contaminados do Japão, portadores de moléstias não existentes entre nós, ainda.

Diz a êste respeito o dr. Teodoro Baima :

"A ganância pelo lucro "per capita" da mercadoria (pode-se dizer assim) obscurece-lhe o patriotismo no sentido de selecionar o rebotalho ou escória dos trabalhadores. Daí serem importados indivíduos portadores de afecções muitas vêzes novas para o nosso país e outras que já se tornam nossas, aumentando-lhe o índice de mortalidade já não escassa.

Ao lado de indivíduos aptos para o trabalho, são pescados os párias da saúde que, só no ano de 1913, de uma leva, lançaram às enfermarias de medicina da Santa Casa de Misericórdia, cerca de 11 indivíduos atacados de beribéri.

Vem de molde recordar ainda que, em um japonês de 16 anos de nome Natkek Ritkeker, recém-chegado, falecido na 1.^a enfermaria de medicina da Santa Casa a 25 de abril de 1909, revelou a autópsia, feita pelo dr. Delfino Cintra, a presença no pulmão, do *Distoma* ou *Paragonimus Westermanni*, causador da distomatose pulmonar ou hemoptise parasitária, moléstia endêmica em todo o arquipélago japonês."

— 5 —

A BIBLIOTECA

A biblioteca nesse ano, segundo idéia do dr. Baima, e autorização do diretor-geral do Serviço Sanitário, foi aberta à consultação da classe mé-

dica paulista. A biblioteca já possuía 1.851 volumes num total de 508 autores. Eram êstes trabalhos, dos mais variados assuntos, lá existentes em maior número : História Natural, Entomologia, Parasitologia, Protozoologia, Microbiologia, Bacteriologia, Higiene, Profilaxia, Biologia, Química Geral e Aplicada, Patologia Exótica e Dermatologia.

Aquê total de volumes estava desta forma distribuído, sem contar os periódicos : em francês, 275 ; em português, 128 ; em alemão, 89 ; em inglês, 37 ; em italiano, 33 ; — em espanhol, 10.

Havia assinatura de 97 revistas médicas de todo o mundo. A verba existente era de 4:747\$100 para assinatura de revistas e compra de livros ; 1:328\$500 para encadernação e 800\$000 para aquisição de estantes.

O horário para as consultas ficou estabelecido das 19,30 às 21,30 horas. Êste horário foi obedecido, também, durante o ano de 1918, quando foram retirados, para consulta fora do Instituto, 68 volumes.

Nesse ano de 1918 o número de livros cresceu bastante, alcançando o total de 2.122, até 31 de dezembro, sendo agora 604 autores. Subiram a mais de 100 as revistas assinadas ou permutadas.

Nesse ano, subdivididos em línguas, eis os volumes, sem computarmos as revistas : 315 franceses, 168 portugueses, 91 alemães, 107 ingleses, 50 italianos, e 21 espanhóis.

— 6 —

A GRIPE ESPANHOLA

Em 1918, a 20 de abril, o dr. Alexandrino de Moraes Pedroso foi designado para, em comissão, trabalhar no Instituto de Higiene. Esta comissão teve seu fim em 4 de setembro de 1919, quando o dr. Alexandrino se desligou do Instituto Bacteriológico.

O escriturário Benedito Leite Pentecado entrou em férias no dia 13 de junho, sendo substituído, novamente, por Antônio Vergueiro Guimarães, até 3 de agosto, quando o escriturário efetivo reassumiu. Êste, novamente se afastou, em licença, de 3 a 18 de setembro, sendo substituído, mais uma vez, por Antônio Vergueiro, que, por uma terceira vez, nesse ano, substituiu o escriturário Pentecado, de 30 de novembro a 26 de dezembro.

Getulino Vieira Pinto, preparador do Instituto, por estar doente, pediu licença para tratamento de sua saúde, por três meses, a partir de 1 de julho, ocupando seu lugar, comissionado, o auxiliar de laboratório José Elói Pupo.

O servente João Adelino de Aguiar pediu demissão em 5 de dezembro, sendo nomeado, para seu lugar, Antônio Nestor de Sousa, no dia seguinte.

Os demais funcionários continuaram em seus postos.

Com exceção da diretoria não houve outra qualquer modificação. O dr. Teodoro Baima, nesse fatídico ano de 1918, que a gripe espanhola apanhou de assalto, veio a falecer, atacado por ela, no dia 14 de novembro. Substituiu-o, na diretoria, o dr. Antônio Pinheiro de Ulhoa Cintra.

Todo o mundo sofreu nesse ano a invasão impiedosa da gripe epidêmica que devastou todos os seus rincões. No Brasil não perdoou nem mesmo os mais remotos aglomerados de índios, lá para as bandas do Araguaia.

A devastação foi ampla em todos os Estados do nosso país. A mortandade, no Rio de Janeiro, foi tremenda, onde nem mesmo o transporte dos cadáveres tinha regularidade, faltando-lhes condução, tamanho era o número de mortos.

São Paulo de ante-mão prevenindo-se, movimentou o Serviço Sanitário no sentido de esperar a moléstia, tendo já em mãos os recursos necessários para combatê-la.

O Serviço de Demografia Sanitária, debaixo da orientação do dr. Carlos Luís Meyer, publicou um magnífico trabalho sobre este surto de gripe epidêmica. Diz o volume :

"Tendo conhecimento do que se passava no Rio de Janeiro, onde a pandemia de gripe irrompera de maneira tal a espalhar o pânico pela população, desorganizando todos os serviços, o Governo do Estado resolveu tomar imediatamente tôdas as medidas e providências para o combate do mal que surgiu como era de esperar, uma vez que a profilaxia terrestre era irrealizável contra êle.

A aparição da doença não se fez demorar ; foi violenta e brusca, disseminando-se com extraordinária rapidez por tôda parte, o que ainda tornou mais dignos de louvor, o desvêlo, o patriotismo, e mesmo o sacrifício de que deram reais provas, neste angustioso período por que passou a nossa população, não só o Governo do Estado e as repartições do Serviço Sanitário, como tôdas as associações profanas e religiosas. Cooperaram todos nas medidas de suas fôrças para a debelação do mal, e nesse transe a população de São Paulo deu, mais uma vez, demonstração de sua cultura, obedecendo e seguindo à risca os conselhos emanados das autoridades sanitárias.

O Governo, compenetrado da grande catástrofe que viria cair sobre o Estado de São Paulo, se enérgicas medidas não fossem tomadas, prontamente encarregou do combate ao mal epidêmico, a diretoria do Serviço Sanitário, cercanda-a de todo o apóio de que carecia em semelhante emergência.

Ao contrário do que se deu em outras cidades, o comércio da Capital não chegou a cerrar as suas portas. As fábricas e outros estabelecimentos similares corresponderam ao apêlo do Serviço Sanitário, no sentido da criação de hospitais e farmácias próprias, dando organização ao serviço de socorro aos operários.

Com o intuito de evitar a especulação de medicamentos, o Serviço Sanitário providenciou a sua venda pelos preços de custo, impedindo, assim, a alta e a exploração dos gananciosos. Além disso mais de oitenta e três farmácias, situadas em diferentes bairros da cidade, aviaram, por conta do Governo, as receitas que lhes eram apresentadas pelos faltos de recursos.

Os primeiros casos de gripe epidêmica conhecidos tiveram lugar a 9 de outubro, em pessoas do Hotel d'Oeste, situado no largo São Bento, nesta Capital, onde se hospedaram diversos amadores do jôgo de "foot-ball", procedentes do Rio de Janeiro, e que já traziam incubada a moléstia que aí veio se manifestar.

A 13 de outubro deu entrada no Hospital de Isolamento o primeiro doente de gripe ; era um estudante, também vindo do Rio de Janeiro, e que foi removido da rua Visconde do Rio Branco, n.º 76.

Deliberada a assistência domiciliária aos enfermos, cogitou-se, simultâneamente, da instalação de vários hospitais. Neste intuito, tratou-se, incontinentemente, de se obter, do sr. secretário da Agricultura, a cessão da Hospedaria dos Imigrantes, que se achava vaga, dispondo de leitos e instalações culinárias, com capacidade para abrigar grande número de doentes, para nela ser montado o primeiro grande hospital provisório, ao qual sucederiam outros, à proporção que a necessidade dêles se fôsse impondo."

Além dêste hospital da Hospedaria dos Imigrantes, com capacidade para mil leitos, foram montados, por conta do Governo ou por iniciativa particular, mais 39 outros e 44 postos de socorro, espalhados por tôda a área da cidade.

Esta tremenda epidemia de gripe durou mais ou menos dois meses sendo que, de 16 de outubro a 19 de dezembro, a pandemia atingiu nada menos

que 116.777 pessoas, somente na Capital e, desse total, foi o seguinte o número de óbitos: em outubro, 310, em novembro, 4.580, em dezembro, 432. Estes números nos dão a soma de 5.331 mortos durante a epidemia, sendo curioso notar que as pessoas de 20 a 30 anos foram mais atingidas, com um total de 1.083 mortes, vindo, em seguida, crianças de menos de um ano, com 907 óbitos.

Pois foi em meio a esta catástrofe que perdeu a vida o diretor do Instituto Bacteriológico, o dr. Teodoro da Silva Baima, que, como outros médicos de São Paulo, se desdobrou para colaborar no socorro à população doente. O dr. Baima era o diretor de um dos 40 hospitais formados, ou melhor, diretor do Hospital do Colégio São Luís sito à rua Bela Sintra 189. Eram seus assistentes, nesse hospital, os drs. Aluísio Fagundes e Eduardo Rodrigues Alves, que trataram lá de 137 enfermos, dos quais faleceram 12 sendo o dr. Baima o 13.º, perfazendo destarte o tão evitado número 13 (116).

— 7 —

A ANEXAÇÃO DO VACINOGÊNICO

No dia 30 de janeiro de 1918 o Instituto Vacinogênico passou a fazer parte do Instituto Bacteriológico, como uma dependência, de acôrdo com a nova lei sanitária (art. 24).

REGULAMENTO INTERNO

Art. 1.º — O Instituto Vacinogênico do Estado de São Paulo é destinado aos trabalhos de cultura, preparo e conservação da vacina animal contra a varíola e funcionará como dependência do Instituto Bacteriológico.

Art. 2.º — Estará sempre aparelhado para fornecer tôda e qualquer quantidade de vacina requisitada pelas autoridades competentes.

Art. 3.º — Este Instituto terá o pessoal seguinte: diretor (que é o do Instituto Bacteriológico); 1 assistente; 1 esuriturário (3.º); 4 serventes.

§ 1 — Na ausência do assistente, o diretor do Instituto Bacteriológico designará um de seus assistentes para substituí-lo.

§ 2 — Em caso de premente necessidade, o diretor do Instituto poderá solicitar do diretor do Serviço Sanitário, um profissional extranumerário, tirado do corpo médico sanitário ou contratado e assim também mais auxiliares subalternos.

Art. 4.º — Não será permitido trabalhar no Instituto às pessoas estranhas ao quadro do pessoal, salvo autorização, por escrito, do diretor do Serviço Sanitário ou permissão do diretor do Instituto.

(116) — Respondendo a um offcio da diretoria geral do Serviço Sanitário, o dr. Ulhoa Cintra, diretor interino do Instituto Bacteriológico remeteu a seguinte comunicação:

"Em 25 de abril de 1919.

Senhor diretor

Em resposta ao offcio n.º 246 de 23 do corrente, solicitando os nomes dos funcionários deste Instituto, que prestaram serviços durante a epidemia de gripe, tenho a honra de enviar os solicitados nomes dos funcionários que trabalharam no Instituto durante a pandemia de gripe.

Dr. Antonio de Ulhoa Cintra, feo. Bruno Rangel Pestana e dr. José Bernardino Arantes (inspetor sanitário, destacado como assistente); Benedito Leite Penteado, esuriturário; Savério Felice, zelador; José Elói Pupo e José Benedito Marcondes Machado, auxiliares de laboratório; Francisco Faraco e João Adelino de Aguiar (este já não é mais empregado do Instituto).

Tenho a honra de apresentar a vossa senhoria os protestos de minha distinta consideração.

A sua senhoria o senhor doutor Artur Neiva

Diretor-geral do Serviço Sanitário.

O diretor interino

a) Dr. Ulhoa Cintra".

Art. 5.º — Ao diretor compete :

- a) Cumprir e fazer cumprir o presente regimento.
- b) Superintender todo o serviço científico, fiscalizando não só a parte técnica e científica da cultura e preparo da vacina, como a parte propriamente econômica e de conservação do estabelecimento.
- c) Corresponder-se com o diretor-geral do Serviço Sanitário sobre qualquer assunto que possa afetar os trabalhos ou interesses do Instituto ou se relacione com as necessidades do Estado.
- d) Assinar toda a correspondência do Instituto.
- e) Fazer as despesas com o expediente, dentro da verba votada, salvo em casos especiais.
- f) Remeter, no princípio de cada mês, à Diretoria Geral do Serviço Sanitário, o atestado de frequência do pessoal e as contas das despesas feitas no mês anterior, solicitando o pagamento destas.
- g) Prestar toda e qualquer informação que o diretor-geral do Serviço Sanitário ou o Governo solicitar.
- h) Propor ao diretor-geral do Serviço Sanitário tudo quanto for necessário ao aperfeiçoamento dos trabalhos do Instituto, quer na parte administrativa, quer na parte científica.
- i) Apresentar anualmente ao diretor geral do Serviço Sanitário um relatório circunstanciado dos trabalhos do Instituto e do que de mais importante houver ocorrido durante o ano.

Art. 6.º — O diretor será substituído, na sua ausência, mesmo temporária e em seus impedimentos, pelo assistente.

Art. 7.º — Ao assistente compete :

- a) Todo o serviço de exame e preparo de animais vaciníferos, inspeção, injeção de tuberculina e inoculação de *cow-pox*.
- b) A colheita das pústulas vacínicas dos vitelos, a pesagem e o enfrascamento da mesma, quando tenha de ser conservada em depósito.
- c) A trituração, tamisação e centrifugação da polpa vacínica.
- d) O enchimento de tubos com polpa vacínica.
- e) Empregar os meios para manter a virulência da vacina, e a sua pureza e boa conservação.
- f) Substituir o diretor do Instituto nos impedimentos temporários e na sua ausência.
- g) Atender a todas as pessoas que procurarem o Instituto, com o fim de se imunizarem contra a varíola.

Art. 8.º — Ao escriturário compete :

- a) Organizar e manter em ordem a biblioteca e o arquivo.
- b) Processar as contas das despesas feitas.
- c) Fazer toda a escrituração do Instituto.
- d) Preparar as folhas de pagamento e a correspondência oficial.
- e) Fazer o serviço do expediente.
- f) Executar os trabalhos que o diretor e o ajudante lhe determinarem.

Art. 9.º — Aos serventes compete :

- a) Todo o serviço de tratamento dos animais em observação e inoculados.
- b) Os trabalhos no laboratório, auxiliando o diretor e o ajudante.
- c) O fechamento dos tubos com polpa vacínica ao maçarico.
- d) A embalagem dos tubos com polpa para expedição.
- e) O asseio rigoroso do estabelecimento e a conservação do jardim.

Art. 10.º — Os empregados deverão estar presentes às horas de serviço, determinadas pelo diretor e ajudante e são obrigados ao plantão, para que forem escalados.

Art. 11.º — Haverá um livro de ponto para todo o pessoal.

Art. 12.º — Pela vacina fornecida para fora do Estado, poderá o Instituto cobrar o que fôr determinado em tabela aprovada.

§ único — A importância dessa venda constituirá renda do Instituto, destinada a melhoramentos e aquisições de livros e aparelhos, a juízo do diretor. Será escriturada em livro próprio, juntamente com a aplicação dada, do que comunicará ele ao diretor do Serviço Sanitário.

Art. 13.º — Os trabalhos do Instituto serão distribuídos pelo diretor, de acordo com as conveniências técnicas.

Art. 14.º — Nos trabalhos de vacinação, colheita e em todas as operações, para o preparo da polpa, até o enchimento dos tubos, os operadores trarão aventais e gorros esterilizados, idênticos meios de assepsia usarão os serventes, quando prepararem as partes dos animais para a inoculação, ou quando auxiliarem os operadores na colheita da polpa.

Art. 15.º — Prevalerão para o pessoal do Instituto as disposições do regulamento da Secretaria do Interior, quanto às substituições, férias, faltas de comparecimento, penas disciplinares e em tudo quanto lhe seja aplicável.

Art. 16.º — As omissões e dúvidas deste regulamento serão resolvidas pelo diretor do Instituto, com aprovação do diretor-geral do Serviço Sanitário e do secretário do Interior.

— 8 —

PESSOAL E BIBLIOTECA

1919. Outras modificações se verificaram no pessoal. Continua como diretor o dr. Antônio Pinheiro de Ulhoa Cintra, nomeado diretor interino em 17 de março de 1919, sendo efetivado em 1.º de outubro.

Em 24 de julho o dr. José Bernardino Arantes (117) foi adido ao Instituto Bacteriológico, quando regressou a São Paulo, depois de um comissionamento no Instituto Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro, de 26 de junho até sua volta (1 mês). Ficou no Bacteriológico até 1 de outubro do mesmo ano de 1919, quando, no dia seguinte, tomou posse do cargo de assistente do Instituto de Butantã. O dr. Arantes já trabalhara no Instituto, desde 20 de abril de 1918, quando inspetor sanitário, e destacado como assistente do Bacteriológico.

Ingressaram mais dois assistentes, o dr. José Pedro de Carvalho Lima (118 e 119) e o dr. Sebastião de Camargo Calazans (120). O primeiro foi

(117) — O dr. José Bernardino Arantes contratado em 21-12-1917 para o cargo de inspetor sanitário, trabalhou na Comissão Rockefeller até fevereiro de 1918 quando foi destacado como assistente para o Instituto Butantã. De regresso do Rio, em julho de 1919, integrou o corpo técnico superior do Instituto Butantã, onde depois de pequena interrupção (1925 a 1927 designado inspetor sanitário da Capital - reforma Paula Sousa), voltou à casa de Vital Brazil aí exercendo, por várias vezes, o cargo de diretor até se aposentar em 1953. Em 1948, relatado no Instituto Pasteur, tornou em princípios de 1951 ao Instituto Butantã.

(118) — José Pedro de Carvalho Lima nasceu em Mococa, Estado de São Paulo, em 14 de fevereiro de 1894. Formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1917. Iniciou sua vida pública como inspetor sanitário e posteriormente em 1919 como assistente do Instituto Bacteriológico do qual foi diretor até 1948 (aposentado nesta data), quando já se chamava Instituto Adolfo Lutz. É professor catedrático de Microbiologia da Faculdade de Farmácia de São Paulo, desde 1937. Foi diretor do Instituto Butantã, do Instituto Pasteur, do serviço de Laboratórios de São Paulo e finalmente diretor-geral do Departamento de Saúde do Estado (atual denominação do Serviço Sanitário), no período de 1944 a 1945.

(119) — Dr. Carvalho Lima antes de ser nomeado assistente do Instituto era inspetor sanitário, trabalhando na 4.ª Delegacia de Saúde, onde fazia o serviço contra a ancilostomose, no Instituto Disciplinar. Apesar de ter sido nomeado em 17 de março, começou a trabalhar somente a 23 de junho.

(120) — Dr. Sebastião de Camargo Calazans, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1913, e, no ano seguinte, transferiu-se para a Faculdade de Medicina de São Paulo, onde concluiu o curso em 1918. Externo-acadêmico do Hospital da Força Pública e interno-acadêmico do Hospital de Isolamento de São Paulo (1916-1918). Em 1.º de março de 1919 foi nomeado inspetor sanitário interino, tendo sido, a 1.º de outubro do mesmo ano, efetivado por concurso, no mesmo cargo; membro da Comissão para debelar a febre tifóide em Curitiba (1917); assistente do Instituto Bacteriológico (1919); diretor interino do Instituto Bacteriológico e Vacinogênico; assistente chefe da Seção de Bacteriologia Experimental e Bacterioterapia do Instituto Butantã (1931); diretor geral do Serviço Sanitário (1937); chefe dos Laboratórios Regionais do Instituto Adolfo Lutz. Comissões desempenhadas: Estados Unidos, a convite da Comissão Rockefeller (1920-1922); organizador do Posto Bacteriológico de Santos, do Instituto Butantã (1926); diretor do Instituto de Higiene "Borges Medeiros", do Rio Grande do Sul (1927-1930).

nomeado, interinamente, em 17 de março, e efetivado em 7 de outubro, quando ingressou o segundo, em caráter já efetivo.

Em 15 de dezembro o dr. Carvalho Lima substituiu o dr. Ulhoa Cintra na diretoria do Instituto, durante seus dias de férias regulamentares, até 7 de janeiro de 1920.

São, portanto, 4 os assistentes: Bruno Rangel Pestana, José Pedro de Carvalho Lima, Sebastião de Camargo Calazans e José Bernardino Arantes.

Como escriturário continua Benedito Leite Penteado, sendo durante o ano substituído, interinamente, por Antônio Vergueiro, durante uma sua licença (121) iniciada em 5 de julho. O auxiliar de laboratório José Elói Pupo foi nomeado, interinamente, preparador e colecionador, em 20 de janeiro, durante licença de Getulino Vieira Pinto, efetivo no lugar e que reasumiu em 6 de março.

A biblioteca continuou se avolumando, pois contava nesse ano, 2.556 volumes, entre livros e periódicos, sendo êstes últimos oriundos do Brasil, 28; da França, 23; da Suíça, 1; dos Estados Unidos, 17; da Grã-Bretanha, 7; da Argentina, 10; da Espanha, 7; do Uruguai, 2; da Itália, 9; de Portugal, 5; da Índia, 2; da Costa Rica, 1; da Venezuela, 1; da Bolívia, 2; de Cuba, 1; e do Paraguai, 1. Eram portanto, 117 revistas médicas recebidas pelo Instituto. Os trabalhos de laboratório foram, nestes números, realizados: exames de differia, 1.833; exames de escarro, 358; hemoculturas, 235; reações de Vidal, 221; reações de Wassermann, 241; exames bacteriológicos de polpas vacínicas jenerianas, 62; exames de líquido cefalorraquidiano, 12; exames de fezes, 462; e outros de menor número. Animais sangrados: 548; animais inoculados, 208; e preparo de meios de cultura, 33.838.

— 9 —

DISTRIBUIÇÃO DE SERVIÇO

Em 1920 é radical a modificação do pessoal. Em 5 de junho entra o dr. Jesuíno Maciel como assistente contratado e nomeado diretor efetivo em 20 de outubro, no lugar do dr. Ulhoa Cintra que, em 13 de outubro, pediu demissão.

O dr. Carvalho Lima, mais uma vez, assumiu a direção do Instituto, em 24 de setembro, quando o dr. Ulhoa Cintra entrou em férias. Foi Carvalho Lima quem, em 22 de outubro, passou a diretoria a Jesuíno Maciel.

O escriturário Leite Penteado foi demitido em 12 de maio (122), dando seu lugar a Oscar Ferreira de Oliveira, nomeado efetivo na mesma data

(121) — O escriturário Leite Penteado pouco demorou no cargo, pois, suspenso, a princípio, foi posteriormente demitido.

(122) — Em 11 de março de 1920

Senhor diretor-geral

Tenho a honra de comunicar a vossa senhoria que o sr. Benedito Leite Penteado, 3.º escriturário deste Instituto, ausentou-se desde o dia 1.º do corrente, sem meu consentimento.

Aproveito a oportunidade para levar ao vosso conhecimento que o mesmo funcionário de há muito não desempenha a contento, as suas atribuições, dispensando pouco interesse aos serviços que lhe estão afetos, o que tem con corrido para a desorganização dos mesmos.

Tenho a honra de apresentar a vossa senhoria os protestos de minha distinta consideração.

O diretor

a) Dr. Ulhoa Cintra

acima. Êste também não fica, abandonando, em 11 de agôsto, o pôsto, depois ocupado, na mesma data, por Gaudêncio Borba.

O dr. Calazans, desde 19 de setembro estêve nos Estados Unidos, trabalhando, em comissão, na Rockefeller Foundation.

No dia 12 de março foi contratado o assistente dr. Simeão dos Santos Bonfim e dispensado logo, em 15 de julho. A êle estavam entregues os estudos sôbre meningite cerebrospinal. Foi dispensado pelo officio 476, da diretoria-geral do Serviço Sanitário, assinado pelo diretor-geral José de Arruda Sampaio.

Em 1920, os serviços, dentro do Instituto Bacteriológico, ficaram assim distribuídos :

Peste: ocorreram, durante o ano, 10 casos de peste, 7 de forma pulmonar e 3 de forma bubônica. Dos 7 casos de forma pulmonar, 4 foram necropsiados pelo dr. Calazans, serviço efetuado no necrotério do Hospital de Isolamento. Dos 3 de forma bubônica, 2 foram verificados, um pelo dr. Jesuino Maciel e outro pelo dr. Ulhoa Cintra.

Difteria: êste serviço estêve a cargo do dr. Calazans, até setembro, passando a ser feito, com a viagem dêste assistente, pelo dr. Bruno Rangel Pestana.

Meningite cerebrospinal epidêmica: do exame do material recebido estêve encarregado, a princípio, o dr. Simeão Bonfim, dispensado êste assistente contratado, o serviço passou a ser feito pelo dr. Calazans, até seu afastamento, em comissão, época em que os mesmos exames foram transferidos ao dr. Carvalho Lima.

Tifo: dêste serviço estêve incumbido, até setembro, o dr. Calazans, passando, desta época em diante, a ser feito pelo dr. Carvalho Lima, a quem cabia o preparo da vacina antitífica.

Tuberculose: os exames de escarros para pesquisas do bacilo da tuberculose eram praticados pelo dr. Bruno Rangel Pestana.

Lepra: dêsse serviço encarregou-se o dr. Bruno Rangel Pestana.

Ao senhor doutor Artur Neiva
Diretor-geral do Serviço Sanitário."

Em 23 de março de 1920

Senhor diretor-geral

Em referência ao officio n.º 212 de 20 de março, dessa diretoria, tenho a honra de levar ao conhecimento de v. s. que resolvi pedir a suspensão do sr. Benedito Leite Penteado, terceiro escriturário dêste Instituto pelo espaço de quinze dias, por continuar o referido funcionário com a mesma indiferença a se desempenhar de suas atribuições nesta seção.

Incluo a êste a cópia de um dos últimos officios que deveria ter sido dirigido a essa diretoria e pelo qual bem se pode avaliar o pouco caso dispendido na elaboração do mesmo, apesar de prévia advertência.

O diretor

a) dr. Ulhoa Cintra

Ao sr. dr. Artur Neiva
Diretor-geral do Serviço Sanitário".

A suspensão do escriturário foi de 5 a 20 de abril, mas terminada a pena, não regressou ao Instituto, sendo substituído desde o dia 5, por Antônio do Vale. O escriturário Leite Penteado foi demitido no dia 12 de maio, quando foi nomeado Oscar Ferreira de Oliveira que tomou posse somente em 1.º de junho, ocupando o lugar até aqui, Antônio A. do Vale, escriturário contratado. Já em 16 de junho o novo escriturário pede 1 ano de licença, sem vencimentos, tendo, entretanto, faltado desde aquêle dia, sem a licença ser concedida, até 12 de agôsto quando foi nomeado Gaudêncio Borba

Lues : a reação de Wassermann, à princípio, esteve a cargo dos drs. Carvalho Lima e Bruno Rangel Pestana, ficando, depois, este último, o único encarregado do serviço.

Parasitas intestinais : as pesquisas coprológicas foram feitas quase que exclusivamente pelo dr. Bruno Rangel Pestana.

Exames de águas e desinfetantes : foram feitos, em parte, pelo assistente encarregado desse serviço, o dr. Bruno Rangel Pestana, e, na falta deste, pelos demais assistentes.

Polpas de vacina antivariólica : o exame bacteriológico e a dosagem do poder vacinante deste material esteve confiado ao ex-diretor dr. Ulhoa Cintra, até setembro, época em que pediu demissão.

Durante o desenrolar do ano, destacamos o seguinte número de exames :

Difteria : 3.223 ; fezes : 647 ; escarro : 302 ; reação de Vidal : 434 ; hemoculturas : 396 ; reação de Wassermann : 270, etc. .

Continuou a ser feita a vacina contra a coqueluche, sendo neste ano, preparados 447 cm³ e da vacina antitífica foram manipulados 12.479 cm³, e todas estas doses foram distribuídas.